Guimarães às voltas com as histórias do jazz

Metais, cordas e vozes inconfundíveis. A fusão entre passado e presente é a marca da 20ª edição do Guimarães Jazz, que começa hoje

PEDRO RODRIGUES
pedro.rodrigues@ionline.pt

A data é redonda e sujeita-se a ser razão para sessões de boas memórias, entre concertos irrepetíveis de outros anos ou mudanças na morada do evento. Mas o Guimarães Jazz, cuja edição de 2012 – a 20.ª – começa hoje (prolonga-se até dia 19, no Centro Cultural Vila Flor), está mais preocupado com as maravilhas que o cartaz actual vai poder operar. De McCoy Tyner a Roy Haynes, os motivos são muitos.

Nesta edição do festival propõem-se, diz a organização, "experiências íntimas", que é como quem diz de descoberta e contacto próximo com a arte em questão. Capaz de ler e perceber o que estava a acontecer dentro de si próprio, o festival cresceu ao longo destas duas décadas em constante mutação. Quem o afirma é Ivo Martins, responsável pela programação do festival há vários anos, acredita que o público português está cada vez mais aberto ao jazz: "Em Portugal o público é diferente. É nómada e descomprometido. Vai, gosta e vem embora, não milita." Para Ivo, o público alvo, ou aquele que mais gosto tem em atingir, são as pessoas que trilham uma aventura pela experiência, para sentir novas sensações. "As pessoas reféns dos preconceitos podem acabar por perder algo valioso", garante, enquanto expande a sua paixão pelo jazz ao explicar que o objectivo do festival é transformar-se num mecanismo de atracção e seduzir as pessoas ao género: "Queremos trazer o público que está estabelecido e relaxado no jazz tradicional e atrai-lo a um movimento mais impetuoso, experimental, de improvisação livre. Essa é a essência do festival."

GERAÇÕES O programa é construído "sob vontade de estabelecer um panorama da evolução do jazz e o seu impacto nos dias de hoje". A abertura está marcada para esta noite, com a presença de Roy Haynes, dono e senhor de bombos e tarolas, figura central na história do jazz depois de ter tocado ao lado de lendas como Miles Davis, John Coltrane ou Lester Young. Haynes junta-se a jovens instrumentistas para estabelecer uma fusão geracional num limbo de sonoridades entre passado e futuro desta linguagem, com o projecto Roy Haynes Fountain of Youth Band.

Entre workshops com alguns dos melhores músicos e professores da actualidade, poderá assistir também a Jam Sessions patrocinadas pelo Guimarães Jazz, espalhadas um pouco por toda a cidade. "São postos avançados em territórios descomprometidos, para despertar a curiosidade", assim os considera Ivo Mendes. E destaque natural para a presença do pianista McCoy Tyner e o retorno simbólico a uma das obras fundadoras. Com José James na voz e Chris Potter a fazer as vezes de Coltrane (com as devidas ressalvas), dia 17 será data certa para revisitar a obra do músico, com um olhar moderno.

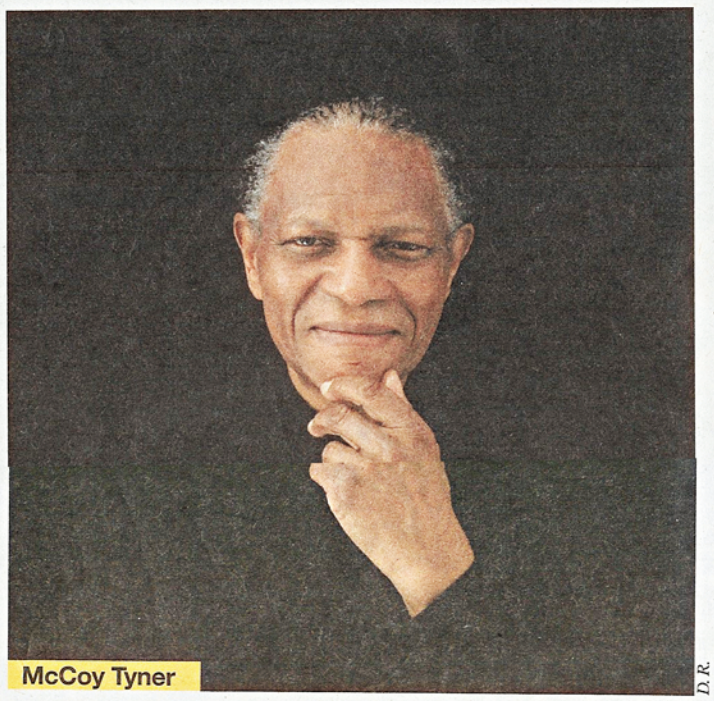
O encerramento é feito dia 19 com "Essence of Ellington" de William Parker, obra espelho do espírito do festival. Espera-se um discurso livre sobre a história do jazz com uma interpretação à luz da linguagem musical contemporânea.

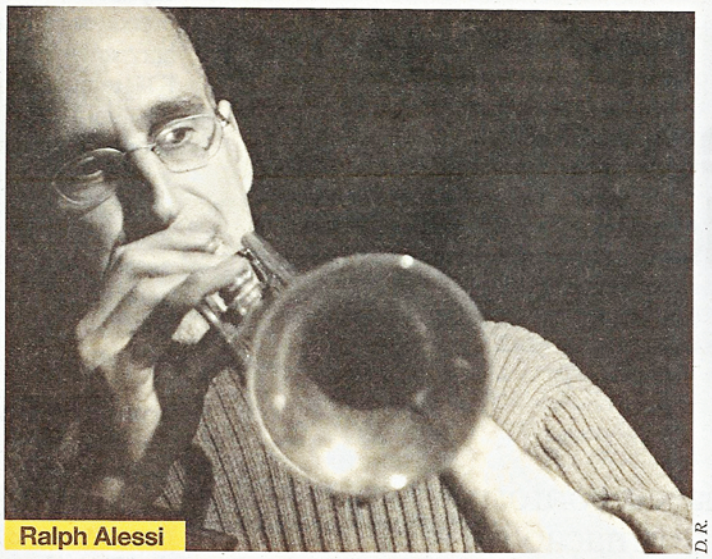
Programação completa do Guimarães Jazz 2011 em www.ccvf.pt

"Queremos atrair o público do jazz tradicional a um movimento mais impetuoso"

"As pessoas reféns dos preconceitos podem acabar por perder algo valioso"

Ivo Martins
PROGRAMADOR DO GUIMARÃES JAZZ


McCoy Tyner D.R.


Ralph Alessi D.R.

Roy Haynes D.R.

Memórias e surpresas

Concerto histórico Em 1992, ainda na fase embrionária do festival, Maria João encabeçou o último dia de espectáculos, com Mário Laginha no piano e Carlos Bica no contrabaixo. Dizem os presentes no auditório da Universidade do Minho sobrelotado que foi um momento de envolvência única.

Árvore da vida de um festival O Guimarães Jazz passou por várias fases. Após o primeiro ano de definições e arranques a medo, em 1992 a passagem para o auditório da Universidade do Minho permitiu um salto tanto qualitativo como de público. Apesar disto, José Barros, director do Centro Cultural Vila Flor (CCVF), considera que 2005 foi o ano determinante. "Com a inauguração do CCVF, as condições técnicas e logísticas permitiram pensar o festival de forma mais arrojada, o salto foi essencial."

Curiosidades inerentes No final do anos 90 recebeu Ralph Towner, um multi-instrumentalista dotado para a guitarra de 12 cordas. Conta José Barros que o músico de Washington perdeu a bagagem no dia do concerto. "O Ralph só toca uma guitarra, pensávamos que nunca conseguiríamos arranjar uma Ramirez a tempo", explica o responsável pelo festival. A cerca de meia hora do concerto apareceu um músico que tinha um modelo idêntico ao de Towner, um fã incondicional. Tudo acabou bem.

Cartaz de sonho José Barros é reservado no que toca à programação, mas lá lhe escapa um nome ou outro. O saxofonista Ornette Coleman e o trompetista Wynton Marsalis estão no topo da lista.